

GILBERTO FREYRE
Trajectoria e singularidade

Gilberto Velho

Nos últimos anos, vem crescendo a produção sobre a obra e vida de Gilberto Freyre (1900-1987). São diversos os autores, perspectivas e orientações. Incluem sociólogos, historiadores, antropólogos e críticos literários que retornam a antigas discussões e introduzem novas informações, dados e reflexões. Entre outros, sem nenhuma pretensão de esgotar, lembro de Cláudia Castelo, Édson Néri da Fonseca, Elide Rugai Bastos, Enrique Larreta, Guillermo Gucci, Hermano Vianna, Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, Omar Ribeiro Thomaz, Peter Burke, Ricardo Benzaquen de Araújo, Roberto DaMatta, Sebastião Vila Nova, Valéria Torres da Costa e Silva e Wamireh Chacon. Alguns o conheceram pessoalmente, trabalharam com ele ou o entrevistaram. Outros têm, fundamentalmente, uma relação com os seus textos. Não só livros e artigos, mas declarações e participação em debates e programas na mídia têm dado espaço e oportunidade a essas manifestações que ora retomam, ora inauguram pontos de vista, análises e avaliações. Não pretendo fazer uma análise detalhada de cada contribuição, todas com evidentes méritos mas, eventualmente, chamar a atenção para alguns temas e contribuições mais relevantes.

Inegavelmente Freyre construiu uma obra de grande complexidade e riqueza. Fazia questão de declarar que era, antes de tudo, um escritor. Não era uma *boutade* ou força de expressão. Foi um dos maiores prosadores da língua portuguesa. A sua obra, com a sua dimensão ensaística, é de enorme riqueza literária, destacando-se as suas elegância, simplicidade e clareza. Dito isso, trata-se de um dos maiores cientistas sociais do século XX, ultrapassando de muito as fronteiras brasileiras, tornando-se um dos autores mais consagrados e reconhecidos internacionalmente, atravessando várias áreas de conhecimento. Creio que esta é uma de suas principais características, não ficar preso a especializações, escapando às, nem sempre estimulantes, compartimentações disciplinares. Por tudo isso, seu trabalho mantém, ainda hoje, um caráter original e inovador.

Uma das constatações, que vem aparecendo de forma mais detalhada e sistematizada, é a grande amplitude de sua formação. É inegável que o seu próprio pai, Dr. Alfredo Freyre, professor universitário e intelectual humanista de formação erudita, foi já na infância de Freyre uma referência importante. Gilberto Freyre estudou e teve contato direto, durante sua estadia nos Estados Unidos, por ocasião dos seus estudos nas Universidades de Baylor (Texas) e de Colúmbia (Nova Iorque), com os grupos mais destacados das ciências humanas daquele país. Numa época em que as fronteiras disciplinares e departamentais eram mais fluidas, teve acesso, por exemplo, não só à antropologia e história de Colúmbia, mas também à sociologia de Chicago, associada à antropologia no mesmo departamento, até o final dos anos 1920.

Essa relativa fluidez permitia e estimulava o florescimento de debates interdisciplinares, com implicações para toda a área que classificamos atualmente

como ciências sociais ou até, de modo mais amplo, para as humanidades em geral. A *intelligentsia* norte-americana do final do século XIX e primeiras décadas do século XX era fortemente marcada pelo darwinismo, ao mesmo tempo que alguns de seus importantes expoentes professavam ou vinham de famílias de religião protestante, como Albion Small e George H. Mead, figuras fundamentais da Escola de Chicago (Bulmer, 1984; Vila Nova, 1995; e Joas, 1997). Lembremo-nos que Freyre também, por um período de sua juventude, aproximou-se do protestantismo. Aliás, já em Recife estudara em um colégio protestante de onde partira para a Universidade de Baylor, no Texas. Essa combinação de evolucionismo e religiosidade, com todas as possíveis contradições, teve consideráveis implicações para o desenvolvimento de uma atitude e postura de reforma social. Mas é, sobretudo, no pragmatismo, com suas diferentes ênfases e correntes, que vai se encontrar a principal tendência do pensamento social norte-americano da época. Intelectuais do porte de William James e John Dewey assumiram um papel proeminente e liderança. O seu impacto nas ciências sociais foi decisivo, estabelecendo um campo de discussão para filósofos, sociólogos, psicólogos e educadores, entre outros. Portanto, durante a permanência de Gilberto Freyre em Colúmbia, os Estados Unidos viviam um período de grande criatividade na área das ciências humanas, tendo como um de seus focos principais a temática indivíduo e sociedade. Seja sob o ponto de vista da interação social, seja sob o ponto de vista de cultura e personalidade, produzia-se um volume de trabalhos e idéias que constituíram-se em importantes subsídios para a obra de Gilberto Freyre, que soube digerir-los e elaborá-los no decorrer de sua carreira, contribuindo, decisivamente, por sua vez, para esse campo de debates. Como intelectual universalista, bebeu em várias fontes, na história e na antropologia britânicas, na história e na escola sociológica francesas e no pensamento social e filosófico alemão, além da ciência social norte-americana, produzindo, assim, um perfil singular.

A conjuntura nos Estados Unidos, pós-Primeira Grande Guerra, apresentava essa característica de ser favorável à convivência e encontro de várias tradições intelectuais. O contato com a Europa era freqüente e intenso, com intercâmbio permanente desde o final da Guerra Civil (1865). Esse processo foi se acentuando, envolvendo não só intelectuais, mas variados setores da elite, preocupados com uma cultura cosmopolita e sofisticada (Simon, 1998). Sabemos que Gilberto Freyre já tinha um perfil intelectual se delineando quando parte para Nova Iorque, mas lá, ainda muito jovem, teve oportunidade de ampliar, significativamente, o seu quadro de referências, tornando-se um sintetizador e um inovador. A cultura e suas relações com a personalidade individual, certamente, foi um dos eixos fundamentais da construção de seu trabalho. Antropólogos contemporâneos seus como Edward Sapir, Ruth Benedict e Margaret Mead, influenciados, mais ou menos diretamente, por Franz Boas, às vezes dialogando com a psicanálise, desenvolveram estudos e reflexões sobre esse tema. Cabe, no entanto, a Freyre um lugar de particular destaque, devido à ousadia de sua interpretação do Brasil e dos brasileiros. Ele fará a análise de uma sociedade complexa moderno-contemporânea, extensa geograficamente, com milhões de habitantes de diferentes origens e características, espalhados por cidades e campos. Os trabalhos do grupo de Colúmbia, ligados ao que veio

a ser conhecido como Escola de Personalidade e Cultura, até os anos 1930, tinham, como referência principal, sociedades tribais, tradicionais e de pequena escala, como nos estudos de Margaret Mead na Nova Guiné e de Ruth Benedict com índios norte-americanos. Mais tarde, esta fará seu famoso trabalho sobre o Japão, enquanto Mead escreverá sobre a sociedade norte-americana propriamente dita (ver referências bibliográficas). Outros discípulos de Boas serão também referências, como Lowie, Herskovitz, Kroeber e o amigo e especial interlocutor Rüdiger Bilden.

Saliente-se que Freyre não só manteve, mas expandiu seus interesses em literatura, cultura e arte em geral. Assim, não só dedicou-se à literatura de língua portuguesa, do Brasil e Portugal, mas também à espanhola, francesa, inglesa e italiana (ver Bastos, 2003; e Pallares-Burke, 2005). Entre os seus próprios trabalhos, não posso deixar de lembrar a conferência que fez, já aos 84 anos, sobre Camões. Nela, explora a vocação de antropólogo do grande bardo português (1984). Quanto à Espanha, um dos exemplos mais interessantes é a análise que Elide Rugai Bastos faz das afinidades de Freyre com a obra de Ganivet, particularmente *Granada La Bella*, além das relações com as obras de Baroja, Unamuno e Ortega y Gasset. Embora não tivesse o mesmo domínio direto da língua, também frequentou autores alemães e russos. Esteve sempre ligado às preocupações de uma história da cultura e às reflexões sobre o desenvolvimento e transformações da sociedade mundial. O seu cosmopolitismo intelectual e existencial beneficiou-se não só de leituras, mas das diversas viagens que fez no decorrer de sua longa vida. Interessou-se pelos assuntos mais variados e por diferentes perspectivas de aproximação da condição humana, distanciando-se do perfil de especialista fechado em um compartimento acadêmico. Destaque-se, por exemplo, o seu enorme interesse nos pré-rafaelitas e na obra de Walter Pater. Entre seus interesses literários mais notórios, cita-se Marcel Proust, não só pelo seu valor literário intrínseco, mas pela maneira sofisticada com que lidava com o tema da memória e das emoções. Nesse território, Bergson certamente foi outra referência importante para Freyre. Sabemos que, através do pai, teve acesso a clássicos da Antiguidade. Leu a Bíblia, foi leitor de Shakespeare, Montaigne, Dostoiévski, Balzac, Goethe, Tolstoi, Thomas Mann, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Chesterton, Eugene O'Neill, entre tantos outros. Foi incentivador de José Lins do Rego. Não devemos esquecer também as suas incursões no território da ficção como, já em idade mais avançada, o seu *Dona Sinhá e o Filho Padre*, além de seu permanente interesse pela pintura, com várias exposições realizadas. O que importa é menos listar todos os escritores e filósofos que leu especificamente, mas ter idéia do universo cultural em que se movia, com essa forte dimensão literário-humanista que marcou sua carreira e perspectiva.

A relação de Gilberto Freyre com a universidade, no Brasil, foi bastante complexa e às vezes contraditória. Como sabemos, frequentou universidades nos Estados Unidos e na Europa. Graduou-se em Baylor, no Texas, e fez seu mestrado em Colúmbia, em Nova Iorque. Conheceu, visitou e teve inúmeras interações e atividades em outros centros, como Stanford, Oxford, Sorbonne, Coimbra, etc. No Brasil, além de sua passagem pela Escola Normal, ofereceu um curso na Faculdade de Direito de Recife e depois, chamado por Anísio Teixeira, participou da importante experiência da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, onde lecionou

sociologia e antropologia (1935-1937). Depois disso, suas relações com a universidade brasileira foram se tornando conjunturais e efêmeras. Deu conferências, palestras, foi homenageado e participou de eventos. A sua atividade de autor, pesquisador e escritor foi progressivamente dirigida para a Fundação Joaquim Nabuco, em Pernambuco, que criou e liderou por muitos anos. Freyre teve uma formação acadêmica significativa, em que freqüentou cursos, disciplinas, escreveu trabalhos e produziu uma importante dissertação de mestrado *Vida Social no Brasil em Meados do Século XIX* (1922), uma das origens de *Casa Grande & Senzala*. Vale lembrar a importância da antropologia física da época, inclusive na própria obra de Boas. Freyre estudou diretamente com mestres ou leu trabalhos que lidavam com biologia, cultura e sociedade. Mas frise-se que sempre manteve uma dimensão autodidata, que lhe dava uma liberdade para circular entre os diferentes círculos e áreas de conhecimento. Ou seja, além de viver durante um período das primeiras décadas do século XX, em que havia maiores possibilidades de trânsito, ele distinguia-se, por características pessoais, como um permanente viajante entre diferentes mundos.

Ressalte-se, também, que durante grande parte de sua vida, Freyre escreveu regularmente para a imprensa, jornais e revistas. Além disso, manteve sempre intenso contato e várias amizades com o meio artístico, não necessariamente ligado à vida acadêmica. Assim, no Brasil, podem-se citar os poetas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, o compositor Heitor Villa-Lobos, os romancistas José Lins do Rego e Jorge Amado, os pintores Cícero Dias, Vicente do Rego Monteiro e Di Cavalcanti, entre tantos outros. Teve seu lado boêmio e irreverente, desde os tempos de aluno da Universidade de Colúmbia, quando freqüentava Greenwich Village, em Recife, desde muito jovem e nas suas visitas ao Rio de Janeiro, como narra Hermano Vianna, por exemplo, no *Mistério do Samba* (1995). Era um membro da elite que freqüentava e circulava entre vários meios.

No decorrer dos anos 1930, depois da volta de seu exílio, posterior à Revolução que o levou, como assessor de Estácio Coimbra, governador de Pernambuco, a afastar-se do país, desenvolveu uma série de atividades de jornalismo, de pesquisa e de mobilização, como na organização do Congresso Afro-Brasileiro de 1935. Aliás, desde o seu período de estudante nos Estados Unidos, nos anos 1920, enviava regularmente textos para a imprensa brasileira. A família de Freyre foi vítima de perseguições e sofreu prejuízos de diversas ordens na Revolução de 1930. Suas relações com o governo Vargas, particularmente depois do Estado Novo, eram de claro antagonismo, embora suas relações pessoais, como membro da elite pernambucana, lhe garantissem uma certa cobertura, o que não impediu que chegasse a ser preso e fichado. Suas atividades políticas sempre foram intermitentes e, por muitos, consideradas contraditórias. Teve momentos de clara oposição à União Soviética e aos comunistas, mas dialogava e tinha relações com autores marxistas, como Astrogildo Pereira e Caio Prado Júnior. Em algumas situações históricas foi visto como crítico e considerado adversário de certas esquerdas e também mal visto por suas relações, em geral cordiais, com o salazarismo em Portugal. Frise-se que, em momentos decisivos, tomou posições claramente antagônicas e de combate, como nos casos do nazi-fascismo e do stalinismo. Foi, muitas vezes, feroz crítico do Partido Comunista Brasileiro, embora

mantivesse, como mencionei, relações intelectuais respeitadas com intelectuais e pensadores marxistas. É preciso tomar cuidado também para evitar simplificações e esquematismos para compreender vida e obra tão complexas.

O tão famoso luso-tropicalismo e a valorização da miscigenação foram não só muitas vezes descontextualizados, como rejeitados por variados atores de diferentes orientações. Em Portugal, foi mesmo desconsiderado por autores que propugnavam pela separação das raças, especialmente nas colônias africanas, opondo-se a toda idéia de mistura (ver Larreta e Gucci, 2007). São conhecidas e ainda atuais as críticas e denúncias de uma postura considerada excessivamente tolerante e mesmo encobridora do racismo no Brasil. Não há dúvida que a sua posição sobre essa temática apresenta múltiplas facetas e, eventualmente, contradições. No entanto, certamente foi, desde os seus tempos de Colúmbia e sob a crescente influência de Boas, um vigoroso antiarianista, valorizando o papel e as contribuições dos diferentes grupos étnicos e culturais na constituição da sociedade brasileira. Além da mais evidente defesa dos africanos e seus descendentes, cabe enfatizar o valor que conferiu aos portugueses, muitas vezes, especialmente na época da ascensão do nazi-fascismo, considerados racialmente impuros. Além disso, no Brasil eram e até hoje ainda são, em vários contextos, considerados maus colonizadores. A sua interpretação positiva da presença portuguesa no Brasil e no mundo valeu-lhe desconfiança e mesmo hostilidade por setores de oposição aos regimes autoritários lusos, particularmente o salazarismo. Freyre foi mesmo acusado de justificar o colonialismo português na África, em momentos de maior conflito e tensão. Ressalte-se, por outro lado, a sua contribuição intelectual e militância ativa em torno da importância do regionalismo tendo, como preocupação, o seu lugar na construção da nação (ver *Continente e Ilha*, 1943). Valorizou as especificidades regionais mas criticou os exageros do determinismo geográfico, de possíveis implicações racistas.

Essas observações multifacetadas e variadas da trajetória e interesses de Gilberto Freyre creio que são importantes para uma melhor compreensão de sua obra, cujo marco clássico inicial é *Casa Grande & Senzala*, em 1933. Não é um produto isolado de um autor enfiado em seu mundo restrito, mas de um intelectual que desenvolveu extensas pesquisas, sustentadas por uma perspectiva muito própria e singular. Essa resultou de sua capacidade de sintetizar com originalidade diversas correntes de pensamento e pontos de vista. Podemos falar de um cosmopolitismo que lhe permitiu transitar, como já mencionámos, entre Lamarck, Darwin, Spencer, Marx, Simmel, Weber, Boas, Giddings, William Thomas, Park, Dewey, Menden, Bergson, Oliveira Lima, Euclides da Cunha, Roquette Pinto, entre outros. Neste sentido, trata-se de um autor que traz o melhor de um ecletismo criativo, pois lê, analisa e inova. Por outro lado, não se manteve numa posição estática, num permanente processo de enriquecimento e incorporação de novos elementos a sua interpretação. Isso pode ser lido, dependendo do interesse e ponto de vista, como sinal de contradição e incoerência mas, de outro, como manifestação de riqueza e plasticidade. Embora sua obra fosse produzida por um longo período de tempo, é inegável que *Casa Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936), sem prejuízo da importância de outros como *Nordeste* (1937) e *Ordem e Progresso* (1959), constituíram-se nas balizas mestras de todo o seu trabalho. Nelas pode-se perceber a

combinação da erudição do *scholar*, com o talento criativo de um dos maiores escritores da língua portuguesa. Suas análises cuidadosas associam-se a suas intuições perspicazes, através de um estilo cativante e absorvente. Em termos de ciências sociais, certamente foi influenciado pelo evolucionismo, com a forte marca de Spencer, dialogou com o marxismo, usou fartamente a ecologia de inspiração de Chicago e, de modo intenso, o culturalismo de Franz Boas e de seus seguidores. Desde sempre aparece, como ficou evidente para vários dos autores aqui citados, a busca de um equilíbrio de antagonismos na análise da sociedade brasileira, com implicações para a teoria sócio-antropológica como um todo. Jamais apresentou o Brasil como um “paraíso tropical”, nem isentou-o de conflitos de várias naturezas. Mas buscou compreendê-lo em termos de sua constituição histórico-cultural.

Como é de conhecimento público e notório, um dos pontos altos e sempre polêmicos do seu trabalho foi a temática das relações raciais. É preciso distinguir o que ele realmente escreveu, do que foi divulgado e vulgarizado por seguidores e adversários. Não negou a existência de racismo na sociedade brasileira, mas procurou salientar as peculiaridades aqui existentes, contrastantes com países como os Estados Unidos. A sua contribuição para o estudo de gênero é tão importante que até hoje é insuficientemente valorizada. Suas análises sobre o mundo feminino do Brasil tradicional são de uma importância ímpar e de absoluta originalidade. Do mesmo modo, as suas investigações sobre as gerações, as tensões entre jovens e velhos, a ascensão do mulato e do bacharel constituíram-se em contribuição preciosa para a compreensão de processos de mudança social, longe, portanto, de fixar-se num modelo estático e rígido. Inegavelmente, identificou na família patriarcal o eixo fundamental da sociedade brasileira, tema que suscitou e suscita até hoje interessantes discussões sobre as suas relações com o poder público e com o Estado. Em *Sobrados e Mucambos*, particularmente, desenvolve um trabalho de vanguarda para o estudo da vida urbana, precursor de desenvolvimentos em antropologia e sociologia das décadas seguintes. O foco no cotidiano, no dia-a-dia, no mundo doméstico, no que poderíamos chamar hoje de micro-sociologia, não o afastou de uma visão ampla, de *longue durée* da sociedade brasileira e de suas relações com o mundo em geral.

É interessante, com uma perspectiva temporal mais longa, identificar como Freyre preocupou-se com as relações de produção, de alguma maneira dialogando com Marx, com as relações entre religião, valores e capitalismo, com Weber, e com os processos interacionais, com Simmel. As biografias e as trajetórias individuais não são apenas pretextos, mas focos privilegiados de análise no decorrer de toda a sua obra.

Procuro chamar atenção, baseando-me na contribuição dos diversos autores que citei no início desse texto, que a vida e a produção de Gilberto Freyre são, como ele próprio fazia questão de dizer, extremamente complexas e necessariamente contraditórias. A vastidão de seus interesses e as mudanças em sua vida fizeram-no, por exemplo, estar em certos períodos mais preocupado com a atividade política e em grande parte dela, retirando-se para sua casa em Apipucos e para a Fundação Joaquim Nabuco, tentando posicionar-se *au-dessus de la mêlée*. Oscilava, como ele próprio se apresentava, entre um certo aristocratismo e um anarquismo intelectual. Durante o Estado Novo getulista, de conotações fascistas,

assumiu posições de forte oposição, elegendo-se depois deputado na Constituinte pós-democratização. Já no regime militar (1964-1985) foi alvo de críticas por não se lhe opor, como alguns esperavam, e porque teria assumido posições consideradas antiesquerdistas.

Inegavelmente, *Casa Grande & Senzala* produziu um grande impacto no Brasil, escandalizando setores mais conservadores pela sua linguagem e temáticas, mas obtendo grande sucesso junto à maioria dos críticos e comentadores. Os seus méritos foram amplamente reconhecidos no exterior, com traduções em várias línguas, como inglês, francês, espanhol e italiano. É notória a recepção altamente positiva de historiadores do grupo dos *Annales*, como Braudel e Febvre. No entanto, no seu próprio país, nos anos que se seguiram, nem sempre encontrou apoio e compreensão.

Os seus diálogos e dificuldades de interação com a universidade brasileira, depois da frustrada experiência da Universidade do Distrito Federal, reprimida pelo Estado Novo getulista, renderam muitas histórias e polêmicas. O que fica evidente, a partir da leitura da produção que temos mencionado, é que há idas e vindas e constante ambigüidade nesse processo. Encontramos correspondência amistosa e aparentemente construtiva entre Florestan Fernandes, da USP, e Gilberto Freyre. Tivera ótimas relações com Fernando de Azevedo, com quem trocou cartas e manteve contato. No entanto, há momentos de afastamento e mesmo esfriamento nas relações com o grupo Uspiano, cujas referências e objetivos fizeram de Gilberto Freyre, em algumas ocasiões, alvo de críticas e objeto de afastamento. Ele, por sua vez, teve a oportunidade de acionar alguma ironia e sarcasmo em relação ao cientificismo mais ou menos esquerdizante de seus colegas de Sudeste. As críticas a Freyre, nesse contexto, passaram-se em vários níveis. Uma, em nome do rigor de propalado método científico, em princípio baseado em pesquisas exaustivas, seria a rejeição de seu *ensaísmo*. Este ficaria na fronteira do literário e, portanto, considerado ultrapassado pelos cânones de uma modernidade científica. Em termos teóricos, uma combinação entre funcionalismo e marxismo, nem sempre clara e explicitada, rejeitava o culturalismo de Freyre, também considerado anacrônico e conservador. Percebe-se que há mudanças e transformações nesse campo de disputa. Autores como Antônio Cândido (1969) reconhecem a enorme contribuição da obra de Freyre, especialmente de *Casa Grande & Senzala*. A esse propósito caberia analisar com mais vagar as relações entre Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, em alguns momentos muito próximos e em outros muito afastados, mesmo adversários. Embora sempre tenha cativado admiradores em diversas disciplinas e áreas de conhecimento, o fato é que, por preconceito e intolerância, várias gerações de estudantes não tiveram acesso à obra de Freyre.

A antropologia, produzida no Brasil, especialmente a partir de meados dos anos 1970, tem desempenhado um papel central na reavaliação da obra freyreiana e de sua riqueza. A combinação de pesquisa histórica, antropológica, sociológica tem, justamente, permitido captar a complexidade e sutilezas dessa vasta produção. Inegavelmente, os trabalhos de Roberto DaMatta foram cruciais nesse processo de redescoberta. O *Guerra e Paz*, de Benzaquen de Araújo, realizou importante integração de estudos de história da cultura e de antropologia. Sebastião Vila Nova

situou com propriedade e preciosos dados o papel da Escola de Chicago na construção do projeto freyriano. Elide Rugai Bastos tem cada vez mais refinado a visão de um Gilberto Freyre humanista e complexo. Peter Burke, e mais recentemente Maria Lúcia Pallares-Burke, com seu *Gilberto Freyre: Um Vitoriano nos Trópicos* ampliam e aprofundam o nosso conhecimento sobre a vida e obra de Freyre. Registre-se a publicação de *Gilberto Freyre: Uma Biografia Cultural*, de Larreta e Gucci, que traz novos elementos e contribuições para um debate que apresenta facetas instigantes e capaz de produzir, ainda, fortes polêmicas (2007). Hermano Vianna tem se apropriado, de modo bastante estimulante, de suas leituras freyrianas em vários contextos, sobretudo relacionando níveis de cultura.

Embora faça parte do nosso senso comum a idéia de que todos os autores são, de alguma forma, singulares, o caso de Gilberto Freyre é, certamente, emblemático. Teve uma longa vida. Conheceu e transitou por vários mundos e foi um grande criador em várias temáticas e áreas de investigação. Dificilmente encontraremos na nossa galeria de cientistas sociais uma obra tão instigante e desafiadora. Qualquer tentativa de simplificá-la ou de rotulá-la é um empobrecimento da vida intelectual. Essa é, provavelmente, a maior contribuição desse conjunto de trabalhos produzidos nos últimos anos. A par de suas diferenças e mesmo divergências, resgatam a obra de Freyre como referência fundamental e leitura obrigatória, não só para os estudiosos da sociedade brasileira mas, também, como marco da construção das ciências humanas no século XX.

Referências bibliográficas

- Araújo, Ricardo Benzaquen (1994), *Guerra e Paz*, Rio de Janeiro, Editora 34.
- Bastos, Elide Rugai (2003), *Gilberto Freyre e o Pensamento Hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*, São Paulo, EDUSC.
- Bastos, Elide Rugai (2006), *As Criaturas de Prometeu*, São Paulo, Global.
- Benedict, Ruth (1934), *Patterns of Culture*, Boston, Houghton Mifflin.
- Benedict, Ruth (1972), *O Crisântemo e a Espada: Padrões da Cultura Japonesa*, São Paulo, Perspectiva.
- Bulmer, Martin (1984), *The Chicago School of Sociology: Institutionalization, Diversity and the Rise of Sociological Research*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Burke, Peter (1997), "Gilberto Freyre e a nova história", *Tempo Social*, 9 (2), pp. 1-12.
- Cândido, Antônio (1969), "O significado de raízes do Brasil", em Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olímpio.
- Castelo, Cláudia (1998), *O Modo Português de Estar no Mundo: O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)*, Porto, Edições Afrontamento.
- Costa e Silva, Valéria Torres da (2006), *A Modernidade nos Trópicos: Debates e Disputas em Torno do Nacional* (doutoramento em Hispanic Languages and Literatures), Berkeley, Estados Unidos, University of California.
- DaMatta, Roberto (1979), *Carnavais, Malandros e Heróis*, Rio de Janeiro, Zahar.
- DaMatta, Roberto (1987), *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*, Rio de Janeiro, Guanabara.

- Falcão, Joaquim, e Rosa Maria Barboza de Araújo (orgs.) (2001), *O Imperador das Ideias: Gilberto Freyre em Questão*, Rio de Janeiro, Colégio Brasil/ UniverCidade / Fundação Roberto Marinho/ Topbooks.
- Fonseca, Edson Neri da (org.) (1985), *"Casa Grande & Senzala" e a Crítica Brasileira de 1933 a 1944*, Recife, Companhia Editora de Pernambuco.
- Fonseca, Edson Neri da (2002), *Gilberto Freyre de A a Z: Referências Essenciais à sua Vida e Obra*, Rio de Janeiro, FBN / Zé Mário Editor.
- Freyre, Gilberto (1933), *"Casa Grande & Senzala": Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*, Rio de Janeiro, José Olímpio.
- Freyre, Gilberto (1936), *Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano*, Rio de Janeiro, José Olímpio.
- Freyre, Gilberto (1937), *Nordeste: A Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste no Brasil*, Rio de Janeiro, José Olímpio.
- Freyre, Gilberto (1943), *Continente e Ilha*, Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil.
- Freyre, Gilberto (1959), *Ordem e Progresso*, Rio de Janeiro, José Olímpio.
- Freyre, Gilberto (1984), *Camões: Vocação de Antropólogo Moderno?*, São Paulo, Conselho de Comunidade Portuguesa do estado de São Paulo.
- Freyre, Gilberto (2002), *"Casa Grande & Senzala"*, edição crítica, organização de Guillermo Giucci, Enrique Rodríguez Larreta e Edson Nery da Fonseca, Paris, ALLCA.
- Joas, Hans (1997), *G. H. Mead: A Contemporary Re-examination of His Thought*, Cambridge, MA, The MIT Press.
- Larreta, Enrique Rodríguez, e Guillermo Giucci (2007), *Gilberto Freyre: Uma Biografia Cultural*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Mead, Margareth (1949), *Male and Female: A Study of the Sexes in a Changing World*, Nova Iorque, William Morrow & Co.
- Mead, Margareth (1969), *Sexo e Temperamento*, São Paulo, Perspectiva.
- Pallares-Burke, Maria Lúcia (2005), *Gilberto Freyre: Um Vitoriano nos Trópicos*, São Paulo, Ed. UNESP.
- Simmel, Georg (1971), *On Individuality and Social Forms*, organização de Donald Levine, Chicago, The University of Chicago Press.
- Simmel, Georg (1986), *El Individuo y la Libertad: Ensayos de Critica de la Cultura*, Barcelona, Peninsula.
- Simmel, Georg (1988), *La Tragédie de La Culture*, Petite Bibliothèque Rivages, Paris, Rivages.
- Simon, Linda (1998), *Genuine Reality: A Life of William James*, Nova Iorque, Harcourt Brace Company.
- Thomaz, Omar Ribeiro (2001), *Gilberto Freyre e o Esforço de Superação de Conflitos*, em Gilberto Freyre, *Interpretação do Brasil*, organização de Omar Ribeiro Thomaz, São Paulo, Companhia das Letras.
- Velho, Gilberto, e outros (1995), "Cientistas do Brasil: entrevista de Gilberto Freyre", em *Ciência Hoje, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Cientistas do Brasil: Depoimentos*, São Paulo, SBPC, pp. 117-123.
- Velho, Gilberto (2000), "O significado da obra de Gilberto Freyre para a antropologia contemporânea.", em *Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos*, Recife,

- Fundação Gilberto Freyre, pp. 115-116.
- Velho, Gilberto (2008), "O cientista social Gilberto Freyre", em Elide Rugai Bastos, Julia Peregrino e Pedro Karp Vasquez (orgs.), *Gilberto Freyre, Intérprete do Brasil*, São Paulo, Museu da Língua Portuguesa, pp. 39-46.
- Vianna, Hermano (1995), *O Mistério do Samba*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Vila Nova, Sebastião (1995), *Sociologias e Pós-Sociologia em Gilberto Freyre*, Recife, Núcleo de Estudos Freyrianos, Fundaj, Ed. Massangana.

Gilberto Velho. Professor titular e decano do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail*: gvelho@terra.com.br

Resumo/ abstract/ résumé/ resumen

Gilberto Freyre: trajetória e singularidade

A obra de Gilberto Freyre vem sendo cada vez mais analisada e reavaliada por diversos autores. São diferentes pontos de vista e perspectivas, ligados a linhas de pesquisa e áreas de conhecimento diversificadas. Fica ressaltada, através desses trabalhos, a grande complexidade e riqueza da obra de Freyre, cuja formação e trajetória têm merecido um aprofundado conjunto de pesquisas. Um dos resultados mais significativos desses trabalhos é a constatação da necessidade de rejeitar explicações simplistas e rótulos para uma obra tão extensa e complexa. Focaliza-se também as relações do autor com o sistema universitário, assim como a importância e singularidade de sua trajetória e originalidade de seus escritos.

Palavras-chave Brasil, complexidade, cultura, Gilberto Freyre.

Gilberto Freyre: trajectory and singularity

The work of Gilberto Freyre has been increasingly undergoing analysis and reassessment by various authors. There are different perspectives and points of view, connected with a diversity of research lines and areas of knowledge. What these efforts have brought into relief is the great complexity and richness of the work carried out by Freyre, whose education and trajectory have deserved an in-depth body of research. One of the most significant results of the latter work is the finding that labels and simplistic explanations for such an extensive and complex production need to be rejected. The focus also falls on the author's relationship with the university system as well as on the importance and singularity of his work and the originality of his writings.

Key-words Brazil, complexity, culture, Gilberto Freyre.

Gilberto Freyre: trajectoire et singularité

L'œuvre de Gilberto Freyre est de plus en plus analysée et réévaluée par différents auteurs. Il s'agit d'approches et de points de vue différents, liés à des lignes de recherche et des domaines de connaissance diversifiés. Ces travaux soulignent la grande complexité et la richesse de l'œuvre de Freyre, dont la formation et la trajectoire ont fait l'objet d'un ensemble de recherches approfondies. L'un des résultats les plus significatifs de ces travaux est le constat de la nécessité de rejeter les explications simplistes et les étiquettes pour une œuvre aussi vaste et complexe. Ils soulignent aussi les relations de l'auteur avec le système universitaire, ainsi que l'importance et la singularité de son parcours et l'originalité de ses écrits.

Mots-clés Brésil, complexité, culture, Gilberto Freyre.

Gilberto Freyre: trayectoria y singularidad

La obra de Gilberto Freyre está siendo analizada y reevaluada cada vez más por diversos autores. Son diferentes puntos de vista y perspectivas, vinculados a líneas de búsqueda y diferentes áreas de conocimiento. Se destaca, a través de esos trabajos, la gran complejidad y riqueza de la obra de Freyre, cuya formación y trayectoria han merecido un amplio conjunto de búsquedas. Uno de los resultados más significativos de esos trabajos es la constatación de la necesidad de rechazar explicaciones simplistas y rótulos, para una obra tan extensa y compleja. Se destaca también, la relación del autor con el sistema universitario, así como la importancia y singularidad de su trayectoria y la originalidad de sus escritos.

Palabras-llave Brasil, complejidad, cultura, Gilberto Freyre.

